

HELOISA SEIXAS

Agora e na hora

Romance



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Heloisa Seixas

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Milena Galli

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Adriana Bairrada

Nina Rizzo

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seixas, Heloisa

Agora e na hora : romance / Heloisa Seixas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2882-2

1. Romance brasileiro 1. Título.

17-01630

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Para Marcos Santarrita

Encontrei os originais sobre a mesa no dia em que entramos no apartamento, depois do telefonema da vizinha. Eram duas pilhas, dentro de pastas de papelão, as duas com títulos, como se fossem volumes distintos. Um deles (Livro Um) trazia cada história separadamente, um livro de contos, incluindo um texto que me pareceu destoar dos demais — como se alguém de fora tentasse imiscuir-se no livro. E o outro (Livro Dois) era um depoimento pessoal do meu amigo, francamente autobiográfico, que parecia ter sido escrito na madrugada final.

Guardei-os comigo por muito tempo antes de decidir publicá-los. Primeiro, porque embora estivesse convencida de que formavam um todo, e não dois livros separados, tinha dúvidas sobre qual era a real intenção do escritor ao deixá-los em pastas distintas. Segundo, porque havia algo de inquietante nos textos, principalmente o segundo. Eu me perguntava: como e quando meu amigo teve forças para escrever e imprimir tudo aquilo, se estava tão mal? Será que tinha decidido escrever sobre a morte *antes* de saber que estava morrendo? Houve, em algum momento, a intervenção de outra pessoa nos textos? De quem?

E, no fim, o que aconteceu?

Assim que o encontramos, morto sobre os papéis, a vizinha chamou a polícia. Eu estava em choque. Depois, soube que os médicos-legistas atestaram morte natural, por embolia pulmonar. Não havia qualquer arma sobre a cômoda, nem em nenhum outro ponto do apartamento, garantiu o delegado.

Sumário

LIVRO UM — AGORA E NA HORA, 11

O que as páginas escondem, 12

Em preto e branco, 28

A morte sem revolta, 34

O navio da morte, 45

Pacto, 54

Copos de leite, 63

Arqueologia, 69

Marienbad, 76

A pena é minha, 87

LIVRO DOIS — A QUASE MORTE, 99

Comentários finais, 141

LIVRO UM
Agora e na hora

O que as páginas escondem

Ele não tem nome, é um velho apenas. Tem a respiração pesada, falta-lhe o ar. Seus pulmões são como cavernas escuras, nas quais a poeira se vai sedimentando com os anos e a cujas paredes em curva aderem ácaros, em lugar de morcegos. Mas ele parece não se importar. Está cercado de livros. O aposento à sua volta é formado por pilhas e mais pilhas de volumes, de todos os tipos, todas as cores. A penumbra não permite discernir os títulos, mas dá para saber que são, na maioria, livros muito antigos.

Agora, o velho tenta pegar alguma coisa no alto de uma das pilhas. Suas mãos ressecadas, a pele clara de pergaminho, tateiam com cuidado, há delicadeza nesse toque. Quando se movem para o lado, parecem duas aranhas albinas prontas para o acasalamento.

Com esforço, esticando-se ao máximo, ele retira da pilha alguma coisa, prestando atenção para não provocar um desastre. A pilha estremece, mas o velho consegue o que quer: um volume de couro escuro, com acabamentos de roletê na lombada e dois grandes buracos de traça na capa.

Assim que o tem nas mãos, abre-o ao meio e aproxima o rosto. Inspira com força. Depois, passa a ponta do nariz pela junção das páginas, de cima para baixo, uma, duas, várias vezes, em um movimento sensual, quase obsceno.

Logo, com o livro apertado contra o peito, recomeça a caminhar com seu andar incerto, esgueirando-se por entre as pilhas inclinadas, um desfiladeiro. Em alguns pontos, a passagem se estreita a tal ponto que ele se vira de lado para não perturbar as paredes de papel. Perto da porta da cozinha, onde há um pequeno banheiro com uma bica d'água, o velho agora se dobra, mata a sede. Quando a água toca sua boca de lixa, pensamos se a poeira não se transformará em pasta, e a língua, em escultura de papier mâché. Ele sorve com avidez o líquido da mão em concha, a outra mão ainda segurando contra o peito o livro que há pouco retirou da pilha e cheirou. E, depois de beber água, volta a enveredar pelos desfiladeiros dessa casa, que é escura e curva e labiríntica, debruçada sobre si mesma, com paredes que sufocam. Toda a casa é como seus pulmões — uma caverna.

Ele se orienta bem pelos corredores entre as pilhas, conhece os atalhos. A casa caótica é como uma continuação de seu corpo, há entre eles harmonia e intimidade. Sempre foi assim. Mas no início, antes da proibição, havia ordem no caos. Se precisava procurar um livro, ele se encaminhava às estantes — nessa época, as estantes ainda existiam — e ia direto ao lugar. Por mais que tudo parecesse desordenado, tinha na cabeça a memória das prateleiras, dos compridos móveis de mogno, dos aposentos. Sabia onde estava tudo, os livros eram divididos por temas, e dentro de cada tema dispostos por ordem alfabética de títulos ou de sobrenomes dos autores. Aqueles volumes eram seu mundo.

E então, um dia, começou a transformação.

Foi devagar, não parecia haver nenhum perigo. Os aparelhos eletrônicos eram uma brincadeira, nada que pudesse amea-

çar a existência secular dos livros, objetos tão simples e insubstituíveis, que não precisavam de mais nada para funcionar a não ser as mãos, os olhos e a mente de um homem. Isso nunca ia acabar, pensava o velho. Mas o fenômeno foi crescendo, inchando, multiplicando-se, e em pouco tempo a ameaça se tornou palpável. Primeiro, foram desaparecendo os sebos e as livrarias, um a um. E, em poucos anos, já não se viam livros em parte alguma. O universo pelo qual ele vivera e lutara, feito de cheiros, cores, sensações, o suporte físico que sustém a palavra, a polpa tornada papel — tudo estava morto.

Os próprios instrumentos eletrônicos, aqueles *gadgets* que pareciam se multiplicar como células malignas, tomando diferentes cores, formatos, tamanhos, até mesmo eles foram condenados ao desaparecimento. Em poucos anos, as pessoas já absorviam a informação através de microchips instalados no cérebro, sob a pele dos punhos ou atrás das orelhas. Toda a informação do mundo, todos os livros de todas as bibliotecas, toda a sabedoria humana acumulada em mais de cinquenta séculos — tudo se transformara em éter, em ar. Em nuvem. O velho nunca se conformou.

Ele entra agora em um aposento ainda mais apertado que os anteriores. Ali, em meio aos livros, há jornais e revistas velhos por toda parte. E não só isso, mas também pedaços de madeira, placas de isopor e incontáveis sacos plásticos, alguns transparentes, dentro dos quais vemos objetos vários, pentes, baterias de relógio, interruptores, lâminas descartáveis, correntes — fragmentos de um mundo desfeito ao qual o velho pertenceu.

Ele começa a remexer nos sacos plásticos e encontra, afinal, alguma coisa: um par de óculos antigos, o aro de metal retorcido, com uma das lentes embaçada como o olho cozido de um cego. Sorri, é o que procurava. Torna a caminhar por entre os desfiladeiros de papel, com os dois objetos — o livro cor de caramelo e o par de óculos — apertados contra o peito.

Volta ao primeiro aposento e busca uma pequena clareira, junto à qual talvez tenha existido a janela do porão. Ali, através das pilhas de livros, surge, filtrado, um arremedo de luz. É diante desse facho tênue que o velho se curva e, equilibrando o par de óculos sobre o nariz, abre o livro que cheirou. Começa a ler, recebendo, através das pupilas dilatadas, todas as sensações que as páginas escondem.

Em pouco tempo, está mergulhado, sua mente vagueia pelas sensações do texto, como se o mundo em torno tivesse desaparecido. É assim que se sente toda vez que tem entre as mãos as páginas de um livro amado — e eles são tantos. Aquela impressão de aniquilamento, o não existir, o não ser, o ser apenas a história que emana das páginas. Uma sensação que só uma coisa é capaz de superar: o divisar de um livro raro, quando este ainda não lhe pertencia. Mas isso ficou no passado.

Se fechar os olhos, ainda pode experimentar o arrepio que lhe corria sob a pele, o coração batendo, a boca seca na antecipação do gozo, um lobo ao avistar a presa. Os médicos diziam que era uma doença, mas médicos não sabem nada. Quando ele se via diante de um livro raro, perdido no fundo de um sebo, em qualquer canto do mundo, era assim que reagia. E, daquele momento em diante, sabia que, custasse o que custasse, ele seria seu.

Torna a levar o livro ao nariz, cheira com volúpia. Pensam que ele ficou louco, mas não importa. É assim que quer morrer. Entre seus livros, os últimos livros. Sabe que é uma questão de tempo, eles virão. A alma boa que ainda lhe dá de comer acabará sendo descoberta e vão segui-la, não tem dúvida. *Eles virão.*

Quando as leis da purificação intelectual foram baixadas, ele começou a fazer as transferências. Tinha certeza de que ninguém sabia de seu esconderijo. Anos depois de fechada a última livraria, quando não existia mais nem rastro das antigas editoras, foi anunciada a norma de desinfecção dos ambientes urbanos. Os

livros, disseram, causavam dano à saúde, o mofo, os ácaros, os parasitas inerentes à pasta de papel, toda a vida invisível neles contida provoca transformações cromossômicas, degradando os genes, garantiram.

A nova lei pegou muita gente desprevenida, muitos, que ainda amavam o livro analógico, que ainda acreditavam em coisas como tato, cheiro, rufar de páginas, que ainda lutavam em favor das estantes, com seu calor e colorido, muitos se surpreenderam. Ninguém acreditava que o livro pudesse virar crime. Tentaram reagir, alegar que era uma ingerência em seus assuntos particulares, vieram a público, se expuseram. Enfrentaram sem temor o exército de assassinos digitais. Mas perderam.

Acabaram todos desaparecidos. Muito provavelmente mortos. Houve relatos de casos de tortura, histórias sussurradas por bocas secas de medo, nunca ditas em voz alta, ninguém sabia ao certo o que era verdade, o que era invenção. Mas o velho sabia de pelo menos um caso verídico, de um homem, em cujo poder fora encontrada uma primeira edição de Hawthorne, e que fora colocado em uma máquina de sensações, aquelas geringonças que anulam a diferença entre real e virtual. O homem fora exposto às mesmas labaredas que um dia queimaram as bruxas de Salem, uma referência sádica à terra natal do escritor americano. As chamas eram de mentira, mas a sensação excruciante do fogo lhe subindo pelas pernas fez seu coração parar. Para todos os efeitos, o homem morreu queimado. O velho era amigo dele. Ouviu a história dos lábios da viúva, dias antes que ela desaparecesse.

Por isso, ele se precaveu. Ele sabia, sempre soube. Não acreditava na ameaça de transformações cromossômicas, claro que não. Sabia que era apenas um truque, a serviço de interesses secretos — nunca duvidou disso. Mas era preciso agir. Não podia perder tempo. Foi assim que buscou o esconderijo e começou a erguer as barricadas.

Torna a respirar fundo. *Cheiro de papel*. Um delicioso cheiro de papel. O mesmo cheiro que sentiu naquele dia, há muitos anos, quando entrou na Biblioteca de Salamanca, pensa o velho. E deixa fluir a lembrança.

Abre os olhos — está de novo na Espanha — e observa a estante à sua frente, os livros luzidios, perfeitamente ordenados, cheios de colorido e frescor, como se não estivessem ali há quatrocentos anos. Uma beleza. Naquele salão imenso, retangular como uma nave de igreja, com o teto abobadado das catedrais góticas, as estantes guardam o que de mais precioso se produziu na Europa nos últimos séculos. Os livros cobrem tudo, de cima a baixo. A luminosidade é pouca, mas é possível divisar as fileiras que se esbatem rumo ao teto, muitos metros acima, por entre passarelas de madeira clara, rajada, exibindo medalhões onde estão inscritos, em algarismos romanos, os números das seções. Parecem relógios de um tempo eterno, parados em um presente de sonho, que se alonga em arco, rompendo as barreiras e penetrando o infinito. E lá no alto, apenas nos cantos, estão as estatuetas, não de santos, mas de homens, homens que deram a vida pela palavra escrita.

Baixa os olhos. No chão encerado da biblioteca, entrevê a própria imagem, e começa a caminhar pelo salão, seguindo essa sombra. Enfia a mão no bolso e encontra o volume frio das chaves. Por enquanto, ele as mantém ali, isso lhe dá segurança. Sente o perfil denteado de cada uma, as hastes compridas, a argola que as prende. Pagou um preço alto por elas. Pelo instante de tê-las nas mãos, aquele conjunto de chaves, que lhe abrirão, ainda que por pouco tempo, talvez a porta mais secreta de toda a Espanha. O momento cintila em sua memória, a mão pegajosa, o olhar súplice, a boca entreaberta. O asco. O enorme esforço

que teve de fazer para vencer o asco. Mas não deve pensar nisso agora. As chaves são seu tesouro.

Caminha. Passa pela mesa central, de madeira escura, quase negra, de pés torneados, sobre a qual está o globo terrestre, mostrando fronteiras que já não existem, um mundo há muito perdido. Chega afinal ao canto do salão, parando diante da porta de cofre.

Só então tira do bolso o molho de chaves, de metal escurecido, áspero. Enfia no orifício a primeira delas e gira a manivela do segredo, seguindo com todo o critério a combinação de algarismos que traz gravada no córtex. Aos primeiros estalos, a porta estremece, move-se, cede. E ele entra no cubículo.

Ao fechá-la atrás de si, não pode deixar de notar sua espessura, mais de um palmo de metal. Se alguma coisa acontecer, se ela enguiçar ou se ele esquecer o segredo — que de dentro para fora também é necessário —, vai morrer ali sozinho. Mas isso não o intimida, ao contrário, só o deixa ainda mais excitado, as veias latejando nas têmporas.

O aposento onde está agora é comprido, parece um corredor. Ao longo deste, há outras portas, menores que a primeira. Manuseia outra vez o molho de chaves, em busca das que têm a haste menor. São elas que abrirão os compartimentos secretos. Vai experimentando, uma a uma. Até que um som metálico anuncia: ele conseguiu.

Empurra e entra. A um toque de mão, penetra o paraíso. Todo o compartimento secreto, paredes, teto, chão, todo ele é recoberto por afrescos que reproduzem um céu azul, com nuvens. Uma luz indireta, suave, que se acendeu assim que ele entrou, traz para aquela irreabilidade um matiz de aurora.

Assim que seus olhos se acostumam à nova luz, ele vê ao fundo, à direita, a grande cômoda onde estão — sabe bem — os incunábulo. Vai até lá. Abre a porta dupla, de par em par, e

retira um deles. Com as mãos trêmulas, leva o pequeno volume para mais perto de um dos cantos de onde emana luz. Abre a primeira página e vê a capitular colorida, com bordas em ouro, tão consistente que parece impossível que um papel tão fino seja capaz de sustentá-la. Começa então a folhear, com todo o cuidado, as páginas sedosas, transparentes. Não, transparentes não. Finíssimas, sem dúvida, mas não translúcidas. A sombra das letras não atravessa de uma página a outra, a tinta negra foi posta ali na medida exata. *Escrever sem nódoa*. Fecha os olhos de prazer.

Mas quando torna a abri-los vê que o que tem nas mãos é, não um incunábulo, mas apenas o livro de lombada cor de caramelo. A recordação se esvaiu. Não importa. Ele esteve lá, jamais vai esquecer.

Sabe que hoje a biblioteca de Salamanca é uma enorme bolha de vidro, gigantesco sarcófago onde, de tempos em tempos, penetram homens vestidos com suas roupas de astronauta, para as rotineiras desinfecções. Os livros ali e em outras bibliotecas foram isolados, como últimos exemplares de uma espécie, assim como fizeram no passado com o vírus da varíola e da paralisia infantil. Mas ainda não descobriram como isolar o vírus do pensamento. E o velho pode voltar lá sempre que quiser. Em seu esconderijo, ele continua a sonhar.

Um dia, quando os tempos da repressão e da higienização maciça já começavam, ele fez um contato. Isso foi antes, muito antes, de erguer as barricadas, de se retirar para o esconderijo. Sentia que em breve a criminalização do livro seria uma realidade, embora isso ainda não fosse dito abertamente. A situação apenas começava a se deteriorar.

Lembrava-se do que acontecera ao tabaco décadas antes, as cruzadas que no início proibiam o fumo nos restaurantes e

prédios públicos, depois nos parques e, por fim, nas casas. O cigarro — que um dia fora tão glamoroso, elegante e positivo — se tornara ilegal, e seus adeptos, uns párias. Intuí-a, desde então, que o mesmo acabaria acontecendo com o livro.

Tinha amigos nas sociedades secretas que ainda resistiam e foi através de um deles que ficou sabendo do encontro que aconteceria nos esgotos de Paris. Era ali, nas galerias, que se reuniam os antigos buquinistas, os mais tradicionais, inconformados. Era perigoso, ele sabia muito bem. Mas nada detém o homem que luta com a certeza de estar na luta certa, e defendendo a última fronteira. Nisso, eram parecidos com os heróis da resistência, cem anos antes, aqueles que levaram filmes, livros e até garrafas de vinho para os subterrâneos e salvaram muita coisa das mãos dos nazistas.

Chegou a Paris em uma manhã cinzenta. Mal deixou as malas no hotel, desceu a pé em direção ao rio para cumprir o ritual de sempre, caminhar junto ao parapeito de pedra — onde ainda restavam marcas dos ferros que por tantos anos sustiveram as caixas de madeira verde — e ir até a Pont des Arts. Fechou a gola do casaco em torno do pescoço e caminhou até o centro da ponte. Parou ali e ficou olhando a Île de la Cité cortando o Sena ao meio, aquela beleza construída pelo homem, o mesmo animal capaz de cometer atrocidades. Sentia-se bem ali, naquele ponto que era Paris em sua essência, a cidade amada que um dia fora símbolo do livro, das livrarias. O céu cinzento, os reflexos nas águas, as construções imutáveis eram, ainda, uma ilusão de que tudo continuava como antes.

Da ponte, voltaria ao Boulevard Saint-Michel e subiria rumo à região da Sorbonne, tornando a descer mais adiante, outra vez na direção do rio. Foi o que fez. Enveredou pelas ruelas entre Saint-Germain e o Sena, dando voltas e mais voltas pelas ruas do Quartier Latin, à espera de que a luz baixasse. Não tardaria

a anoitecer. Às vezes, virava bruscamente uma esquina, ou penetrava uma arcada e se colava à parede, para ter certeza de que não estava sendo seguido, embora se sentisse um pouco ridículo naquele papel de coadjuvante de filme *noir*.

Passava das quatro da tarde — mas já estava escuro — quando ele chegou ao ponto indicado, no Quinzième, de onde divisava, ao longe, na penumbra, a gigantesca silhueta da torre. Olhou em torno. A rua, vazia, brilhava de umidade, refletindo a luz triste dos lampiões. Diminuiu o passo, parou. Mais uma olhada em volta, dessa vez mais rápida — e desapareceu pelo vão.

Era uma entrada quase imperceptível, pouco maior que um bueiro, apenas sem tampa e com quatro degraus. Um homem muito alto ou muito gordo não passaria. Ele, que já se sentia um velho para outras coisas, passou fácil, suas pernas ágeis, ainda fortes, o levaram pelos poucos degraus abaixo como se fosse água. Em um segundo, estava dentro da galeria, os olhos muito abertos, tentando se acostumar ao escuro que o cercava.

As paredes transpiravam, o chão era escorregadio, precisava tomar cuidado. Tirou do bolso a lâmpada portátil, de raios azulados. Acendeu. No mesmo instante, o mundo subterrâneo se materializou à sua volta, com seus corredores em arco indo em todas as direções — as mesmas pedras que um dia tinham acolhido Jean Valjean. Mas, ao contrário do herói trágico de Victor Hugo, o velho sabia para onde ir, tinha indicação precisa sobre qual corredor escolher. E começou a caminhar muito lentamente, azulando as paredes à medida que passava.

Depois de dez minutos já ouvia ao longe, junto com o sussurro das águas, um rumor que lhe pareceu de vozes humanas. Mas talvez estivesse enganado. Apressou o passo. Ia agora por um túnel mais estreito que os demais. Era em curva e, mesmo iluminado por sua lâmpada, parecia mais opressivo, sufocante. Parou um instante para respirar fundo. Olhou para trás e viu que a